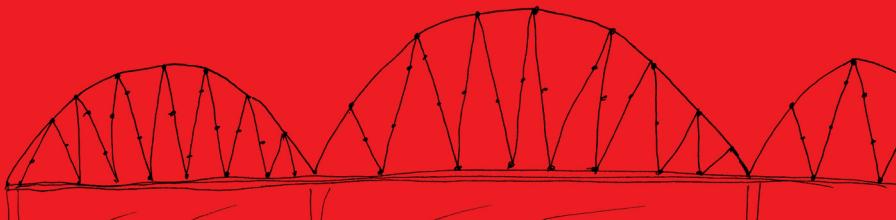
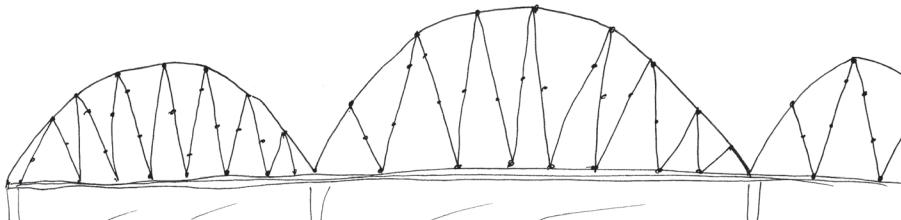


Gustavo Sobral

CENAS
NATALENSES



CENAS NATALENSES



Gustavo Sobral

CENAS NATALENSES



1^a edição - Natal/RN - 2020

©2020 Gustavo Sobral

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por qualquer meio ou forma sem a citação da fonte.

Diagramação

Heverton R.

Projeto Editorial

Sertão Marketing & Midia

Imagen de capa e miolo

Gustavo Sobral

Revisão

André Galvão

Impressão

Offset Gráfica e Editora

www.offsetgrafica.com.br

Catalogação na fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda - CRB15/261

S532c Sobral, Gustavo.

Cenas natalenses / Gustavo Sobral. - Natal/RN: 8 Editora, 2020.

60 p.

ISBN: 978-65-991386-8-3

1. Literatura brasileira. 2. Crônica. 3. Escritos históricos - Natal/RN.

I. Título.

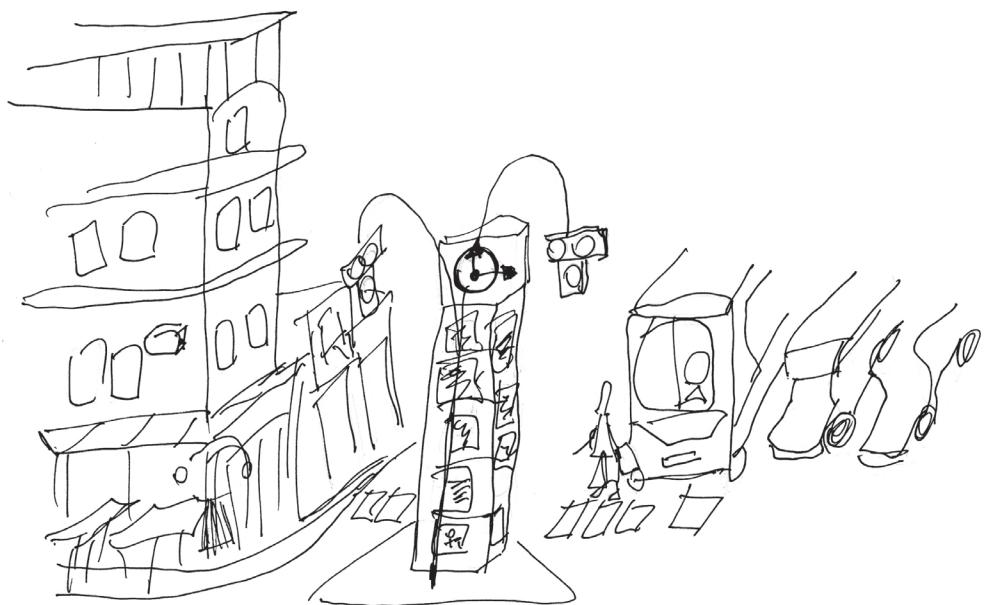
CDU: 82(813.2)-94

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro e impresso em cartão Duo Design 250g./m². (capa) e Chambril Avena 80g./m². (miolo) pela Offset Gráfica, Natal/RN, em novembro de 2020

A cidade do Natal é uma perspectiva indefinida.
Câmara Cascudo



O escritor e a cidade O escritor anda Natal. Sai em busca dos caminhos da cidade, ouve buzinas e se extasia com os letreiros na Praça do Relógio. Vai à feira, procura e encontra o movimento, as cores, a vida. O escritor põe seu olhar sobre as pontes, sai em um passeio de carro e vê pelo caminho o desfile do patrimônio histórico. O escritor vê um dia de sol na praia, a fortaleza, o rio, o farol, o Parque das Dunas. O escritor encontra a cidade no tempo presente.



Praça do Relógio

Para onde seguem os automóveis? Vrummmmm. O movimento intenso passeia por todo lugar. Anda nas avenidas, ruas e nas quase inexistentes calçadas. Motos zunem no ar. Voam. Cortam caminho. Ziguezagueiam entre os automóveis. O ônibus buzina. Biiiiiiiii. A senhora, às carreiras, esquece a faixa de pedestres e atravessa.

Aparecem carros de som. O ônibus arranca. O sinal abre e fecha. Buzinas. Nove, dez, onze. Meio-dia. A calçada cheia de pernas. O sol abre as sombrinhas. Olha o sorvete! Olha, olha, olha u sorvetiiii! Ambulantes, engraxates, pedintes. Jogo de baralho e de damas na praça. Conversas. Olhares.

Passa uma bicicleta de som: é hoje, é hoje, somente hoje, calçados para senhora a 9,99! Você ouviu 9,99! Desviar, parar, ver. Letreiros, anúncios, cartazes. Magazines, lojas de móveis, lojas de bijuterias, lojas de colchões.

Liquidificador que não funciona e o ferro de engomar que precisa de reparo. Trocar as bocas do fogão. Botões e linha no armário próximo. Alugam-se salas, empréstimos, EMPRÉSTIMOS. Troque o limite do seu cartão por dinheiro. Pagamos na hora! (84) 9 9999.9999. Liquidação: 50% de desconto. Aceitamos cheque, aceitamos cartão.

Curso de Cabeleireiros F: 3333.3333. Condomínio Clube. Faça aqui sua simulação. Garanta já o seu! (84) 9999.9999. ADVOCACIA. DENTISTA. FONE: 33333... DETETIVE 9999.9999. Celulares e acessórios. Conserto. Fone: 9 9999.9999. Seguro-saúde. E a placa sinaliza: proibido estacionar. Tudo se perde no mundo da informação.



Dia de feira

A rua está fechada para o trânsito. De folga, a faixa de pedestres perde o propósito. Está livre. Balançam enfileiradas lonas coloridas ao vento. A feira é um mundo. Um mundo de cores, frutas, verduras, temperos, gente. Ao primeiro sol da manhã, tudo se organiza, e os fregueses começam a chegar. O dia da feira é sagrado.

O preço, a oferta, a pechincha. Um absurdo! Olhe o preço do tomate, está pelas tabelas! Mas vamos fazer aqui um preço bom para a freguesa! Quanto, a laranja? A melancia cortada. Quer provar, freguês? Maracujá, vou levar do maracujá. Comprar banana! É preciso comprar banana.

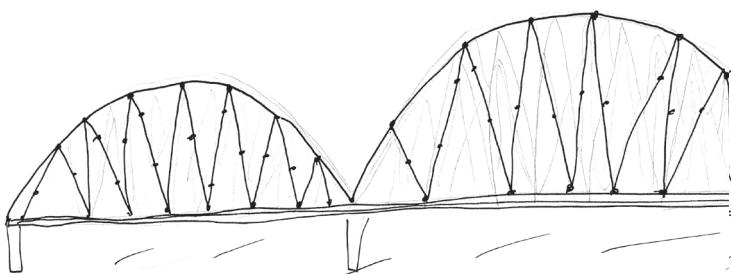
Banana às pencas, aos montes, pra dar e vender. Cajá, acerola. A medida é a cuia. Uma jaca espaçosa ocupa o lugar que lhe convém. O caju é resultado das chuvas de dezembro. Abacaxis empilhados com muito arranjo se acomodam. Castanhas nos saquinhos plásticos e o coco-verde consumido ali.

Os temperos se insinuam com as suas texturas e cores vivas. O laranja berra, o amarelo brilha. As verduras fresquinhas. Vale a pena levar. A alface, a couve. O preço está bom.

Item de primeira providência, a balança atua nos pesos e medidas. As sacolas plásticas brotam por toda parte somando o que levam. Na cara, o vendedor da goma, sem notar, exibe

o seu produto. Está polvilhado da goma que, de tão fina, o vento leva. O cidadão é a fantasia do próprio produto que vende.

O sol encontra passagem pelas frestas das lonas. Vai deitar no meio da feira. O dia anda, subindo a temperatura, o calor. O tempo da feira é o confundível burburinho das conversas que ficam. O infinito universo da feira não cabe na fotografia.

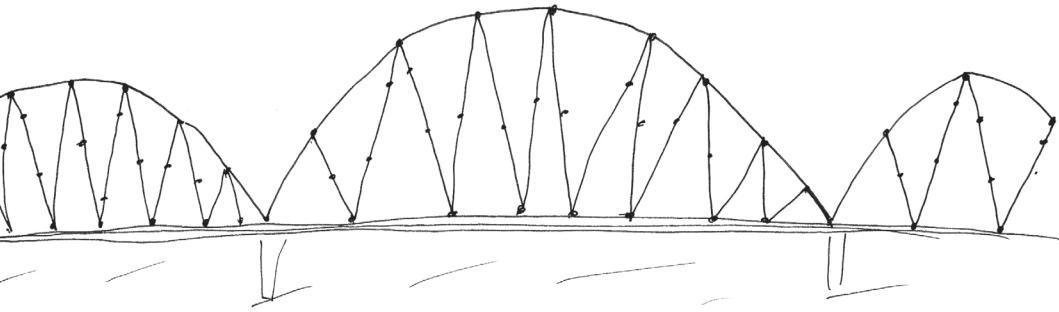


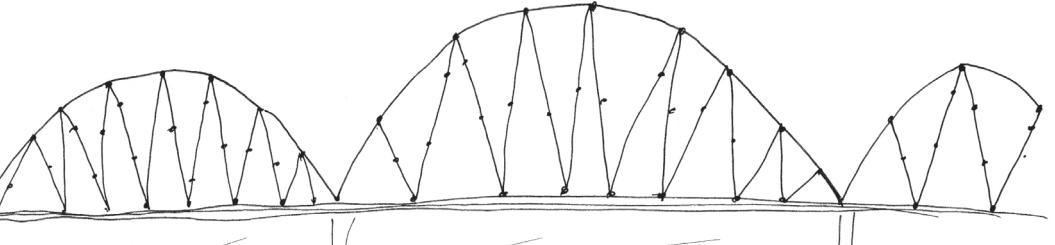
As pontes da cidade

Numa cidade há as pontes que já foram. Numa cidade há as pontes que ainda são. Uma cidade também espera as pontes que virão. Não se fazem cidades sem as pontes. São elas que desenham no espaço os caminhos penetrantes da cidade.

As pontes se nutrem das ruas e avenidas. As pontes são como traços no infinito da paisagem. As pontes levam e trazem tudo aquilo que comportam. As pontes param quando o trânsito engarrafa. As pontes seguem porque seu destino, como o do rio a que se sobrepõem, é seguir. Seu destino é o fluxo.

As pontes são passagens. Tudo que se move atravessa as pontes. O rio atravessa as pontes. Um rio passa por baixo das pontes. As pontes são o começo para quem nelas adentra, as pontes são um percurso para quem por elas passa. As pontes são um fim para aqueles que já as atravessaram. As pontes são também a cidade. A cidade também é as suas pontes.





A cidade do automóvel

O sinal verde acende. O trânsito segue. Descer a rua General Gustavo Cordeiro de Faria é encontrar a Ribeira. No caminho, do alto de Petrópolis, à direita, avista-se, no monte elevado, o Centro de Turismo, antiga cadeia pública, e a sua fachada de janelinhas.

Já é possível ver o rio antes da grande descida para o chão da Ribeira. Descer é encontrar, na esquina com a Rio Branco, que também ali deságua, a Offset Gráfica, casa do livro do autor local, e a Praça José da Penha.

A praça forma um triângulo fronteiro com vértices para a Igreja Bom Jesus das Dores, o Grande Hotel e o Bandern, bando de coisas que já não existem. Ficaram os edifícios e outros usos. Ribeira bairro-sede dos jornais *Tribuna do Norte*, ali resistente; e *Novo Jornal*, que já sumiu; e de outras lembranças apagadas das fachadas do comércio.

Ribeira do comércio, onde há um século circulou o bonde e onde hoje é outra completa paisagem. Mas não se vai em frente pela Tavares de Lyra; toma-se a esquerda pela avenida Duque de Caxias, residência do palacete que abriga a sede do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Iphan, e o ateliê do artista plástico Flávio Freitas.

Por ali, também se tem acesso à travessa José de Alexandre Garcia, que leva ao Buraco da Catita e à noite na Ribeira, e, dali, a outras travessas que conduzem aos caminhos da Ribeira

de hoje e da Ribeira que foi ontem. Ribeira das casas de secos e molhados, bancos e da Livraria Cosmopolita, na rua Doutor Barata. A Ribeira que hoje é da Galeria de Arte B-612.

Ainda na Duque de Caxias, e antes de alcançar a Praça Augusto Severo, é possível ver os detalhes das fachadas dos edifícios da Associação Comercial do Rio Grande do Norte e da Junta Comercial do Estado, depois é a Praça Augusto Severo, com o Teatro Alberto Maranhão, o Grupo Escolar Augusto Severo, Faculdade de Direito esquecida, o Centro Clínico José Carlos Passos e, na antiga estação rodoviária, o Museu de Cultura Popular Djalma Maranhão.

O ultimato da Ribeira é o Colégio Salesiano, que ainda conserva as palmeiras e o palacete do tempo de Inês e Juvino Barreto. A agência da Caixa Econômica Federal, na esquina, ocupa o lugar que foi da primeira fábrica de tecidos, propriedade de Juvino. Naquele começo da subida para a Cidade Alta, avenida Câmara Cascudo, A REPÚBLICA resiste no letreiro do edifício que é o Departamento Estadual de Imprensa.

Agora é subir a avenida Cascudo e encontrar a casa dele, a travessa Pax, o Solar Bela Vista e o Solar João Galvão de Medeiros, a Capitania das Artes, o relógio e o prédio modernista do Sesc, a Praça das Máes e a antiga sede da Ordem dos Advogados. O último fôlego será, já na esquina com a rua Dom Pedro I, a sede da prefeitura, no seu estilo eclético, e, dali, ver o Palácio da Cultura, atual Pinacoteca do Estado.

Muita coisa passa despercebida. Talvez tivesse sido interessante ter tomado a rua Padre João Manoel em busca da Igreja do Rosário dos Pretos e da vista para o rio. Outros

caminhos levam a outros destinos, e os séculos passam pelo passeio.

Na geografia da Cidade Alta, pela rua da Conceição, por onde desceram os holandeses no século XVII, a última construção na cidade da arquitetura civil do século XIX, o Sobradinho, com a sua sacada de onde se via a procissão passar. É museu.

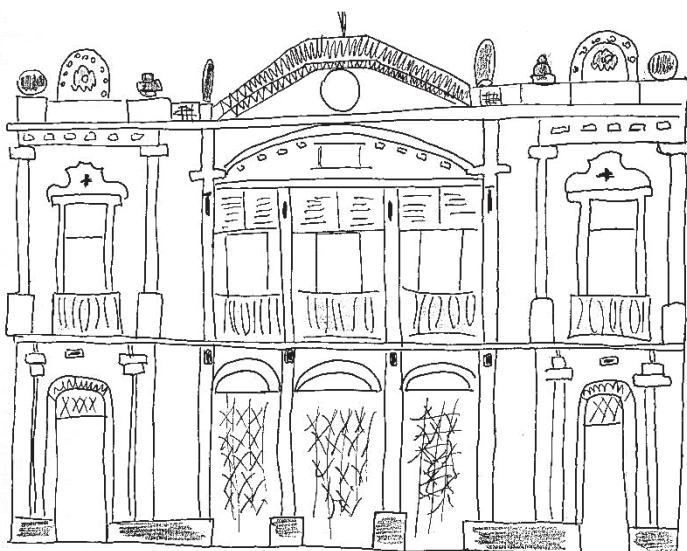
Seguem a praça André de Albuquerque, o Instituto Histórico, a matriz antiga, o Memorial Câmara Cascudo. Segue a rua Santo Antônio, que, por fim, leva à Igreja Santo Antônio, cujos traços são barrocos. O condutor, a tudo que passa, vê. Esse tudo que perece no anonimato do existir.

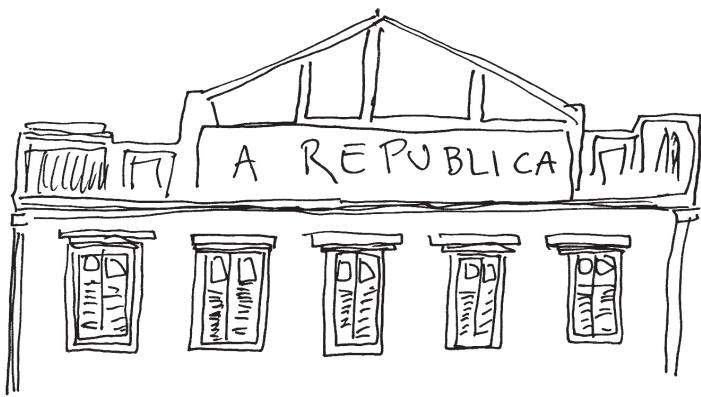




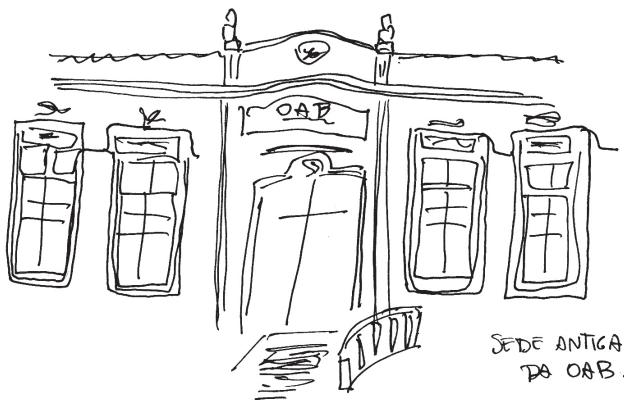
IGREJA
BOM JESUS
DAS
DORES











SEDE ANTICA
DA OAB.



Na avenida Câmara Cascudo, três nobres palacetes em estilo neoclássico, século XX. A **residência de Câmara Cascudo**, datada de 1900, hoje Instituto Câmara Cascudo. O **Solar Bela Vista**, pertencente ao SESI-RN, construído pelo coronel da Guarda Nacional e comerciante Aureliano Clementino de Medeiros, que importou tudo: os vidros, assoalho e gradil de ferro; e o **Solar João Galvão**, também com planta de Aureliano de Medeiros, hoje centro de documentação e pesquisa da Fundação José Augusto, do governo do estado. No outro lado da rua, a **Capitania das Artes**, construção do final do século XIX, antiga sede da Capitania dos Portos. A fachada é no estilo neoclássico.



Palácio
Potengi



A Igreja Santo Antônio, Igreja do Galo, é construção do século XVIII. Barroca. O frontão curvilíneo é a prova característica. Corpo central, ala lateral e torre cuja cúpula é revestida de azulejos. A planta é simples: uma nave retangular, a capela-mor e uma única torre quadrangular, posterior. Os espaços secundários são a sacristia e área de circulação. Na cúpula da torre, um galo de bronze e a lenda: o galo cantava, até que um raio fez com que despencasse, e a queda o silenciou. A ala lateral esquerda, que abriga o Museu de Arte Sacra, foi construída posteriormente.

O primeiro edifício **da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação, Catedral Antiga**, data do século XVII. A torre esperaria mais dois séculos. Igreja com três portas e três janelas na fachada da frente. Restaurada, voltou às feições originais despida das descaracterizações acrescentadas com o passar dos séculos.

Rua da Conceição, 601. Conhecido por **Sobradinho, Museu Café Filho**, construção de 1820. Com beiral corrido e telhas em cauda de andorinha e cornija, e o telhado é véu de noiva; o estilo, colonial. Uma porta de acesso e duas janelas compõem a fachada do térreo. No pavimento superior, duas janelas do tipo guilhotina, ladeando uma sacada. Uma escada de madeira escura, que é uma aventura subir de tão íngreme, leva ao primeiro pavimento.

MUSEU
CAFÉ
FILHO -
SORRADINHO



PALÁCIO FELIPE
CAMARÃO - PREFEITURA.

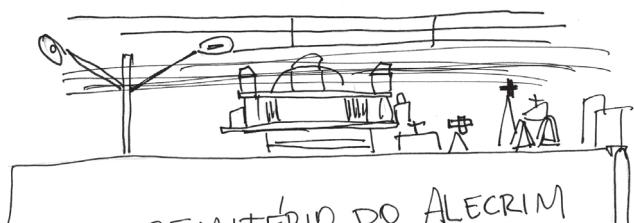
O Beco da Lama

Avenidas, ruas, travessas, becos, esquinas — quantos são os caminhos que fazem uma cidade? Serão as avenidas mais importantes que as ruas, as ruas que as travessas, as travessas que os becos? O que os hierarquia?

As avenidas se impõem majestosas, largas vias principais, com canteiros centrais e arborização; as ruas intermedeiam-nas e assumem o papel de referência, dado que as avenidas são consideradas ruas largas; as travessas, ruas paralelas; e os becos, ah, os becos, a estes resta serem ruelas na classificação das importâncias.

Rua pequena e estreita, o beco é um desvio. Toma-se o beco para evitar a rua movimentada, a avenida conturbada. O beco é atalho, o beco é passagem no meio do caminho. Mas o beco sobrevive além de sua função de trânsito menor. A sua diminuta importância o faz espaço do bucolismo. O beco é singelo e independente. O beco é livre.

Nomeia-o o povo, e não as homenagens às figuras veneráveis. O beco é o que é. Toma-o o povo na alegria dos bares, no pequeno comércio de porta na calçada; tomam-no os artistas, transformando o seu lado escuro, sujo, descuidado, em arte, poesia, música, pessoas. Uma festa. E um simples beco se torna maior que uma avenida.



SENADOR DO ALECRIM

Vida e morte na cidade

Arcos plenos sobre janelas e cobertura com o charme das telhas coloniais. Em três andares de volumes bem definidos o edifício antigo conserva-se. Os equipamentos cada vez mais se sofisticam, as técnicas médicas avançam e a maternidade se renova.

O seu corpo profissional se sucede, e tudo acontece como uma natural mudança de cena, como se a vida fosse um palco no espetáculo interminável em que os atores se revezam. Os que se aposentam passam o bastão aos que chegam, os que chegam continuam o trabalho dos que partiram e assim, sucessivamente, nascem, crescem, vivem, envelhecem e, por fim, desaparecem. É o fio da vida.

A Maternidade Januário Cicco é um edifício no meio do caminho. Já a vida lá fora corre diferente. É outra coisa. No cruzamento, os ônibus e seus roncos se sacodem no asfalto maltratado. O caminho do ônibus é o caminho do tempo presente. É cumprir a rota. Os ônibus seguem alheios ao movimento da vida e descem à Ribeira.

O motorista é o predestinado de todos os dias. Seu roteiro certo e sabido é entre aceleradas, brecadas e paradas. A vida em trânsito, nos horários de pico, na saída das escolas e do trabalho. Telejornais e o rádio noticiam acidente, engarrafamento, rua interditada, semáforo e carro quebrados. A volta pra casa do natalense.

O ônibus desce. Ganha ruas, desvia, para, acelera, freia, continua. Talvez faça uma de suas paradas no Cemitério do Alecrim. Dois de novembro e a entrada apinhada. Entre o entra e sai de gente, o menino atrás do tabuleiro vende cigarros e confeitos, e flores. Quem não as trouxe, pode comprar, que ali também vende. Entre altos e baixos, sobem os túmulos, sobem as cruzes e os postes de luz cujo papel é iluminar a vida terrena.



Ponta Negra

ao sol

O azul desce no céu a manhã de sol. As ondas vêm como gostam os ventos. Venta. Vêm a brisa do mar e os primeiros banhistas. A água, fria. A mulher, aos pulinhos. Crianças saltam ondas e correm na areia a liberdade de existir.

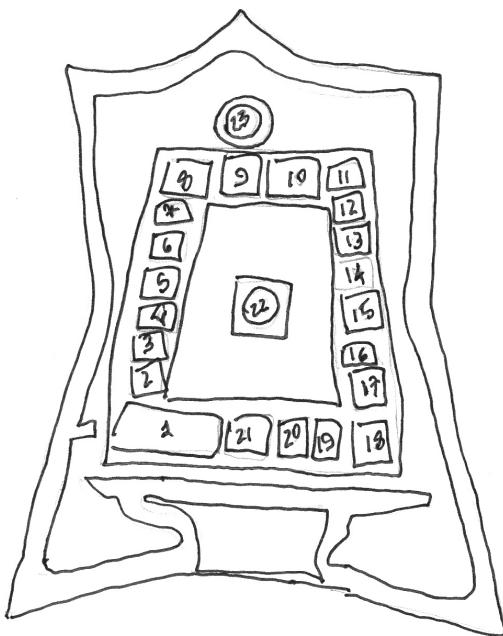
Os sombreiros coloridos começam a abrir, e surge a gente. Turistas, a senhora com o cachorro, famílias inteiras, gente correndo, gente andando, gente no mar, gente na areia. A praia é céu, mar, nuvens, areia, calor, sal e suor. Frescobol e futebol.

O vôlei na rede corta o céu. Olha a água! Olha a água! Água mineral geladinha! Sorvete! Sorvete! Coco, manga, maracujá, chocolate! O carrinho do sorvete brilha aos olhos da criançada, e a finlandesa fala espanhol e vende empanadas. Tem vendedor de ostras, óculos escuros, protetor solar. A praia é um mercado total de tudo.

E a água de coco? Gelada, doce, perfeita. Não tem preço no calor, no sol, na praia. E o mergulho? Ah, aquele mergulho!

Algum binóculo avistará embarcações e também dirá dos surfistas, dos nadadores, dos barcos para passeio e uma jangada. Dirá das ondas e das tantas cores que fazem o mar em dia de sol. Azul, verde, verde e azul, azul, verde. Tudo é suspenso.

O branco da espuma chega com as ondas que deitam na areia as sobras do mar. Mar. Mar movimento, cadenciado, balançado. Praia. Praia, sol, mar e as ondas. Ponta Negra ao sol.



1. CORPO DE GUARDA.
- 2 & 3. PRISÕES CIVIS
4. CALABOUÇO MILITAR.
5. ALMOXARIFADO
- 6 & 7. DEPÓSITOS
- 8, 9, 10. OU ARTEIS
11. CISTERNA.
- 12, 13, 14, 15. QUATRELS
16. SUBIDAS PARA BATERIAS
- 17, 18. PRISÕES SUBterrâneas
20. COZINHA.
21. ESTADO-MAIOR
22. CAPELA
23. FAROL.

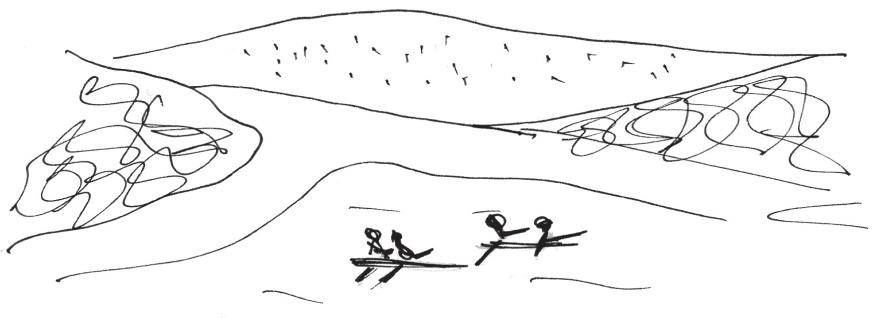
FORTALEZA DOS REIS
MAGOS (1873).

A Fortaleza

Na boca da barra, entre o Potengi e o mar, sobre os arrecifes é que a construção resiste. Polígono estrelado em pedra e cal, inalterável aos abalos do mar. Mar intermitente que se atira contra as suas paredes, no sobe e desce da maré, destino diário, inconstância natural.

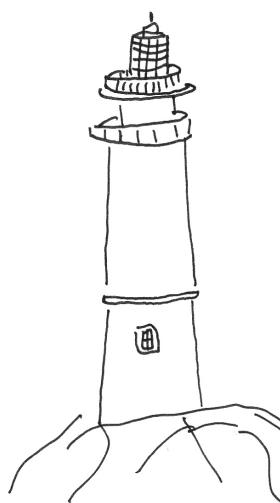
Tantos palmos de espessura e intervalos preenchidos por terra — são as muralhas. As obras ainda realizaram um edifício em dois pavimentos para diversos abrigos e capela e cisterna. Armado de canhões de ferro e bronze adormecidos e o paiol de pólvora, hoje vazio.

À maré-cheia, torna-se ilhado, pois cercado de água por todos os lados, nele não se podendo entrar ou sequer sair. Fechado, solitário, abandonado, decaído, inutilizado. Paira quase inexistente, enquanto avista a ponte nova, estaiada, sustentada por cabos de aço; e, para a noite, a luz cênica é própria.



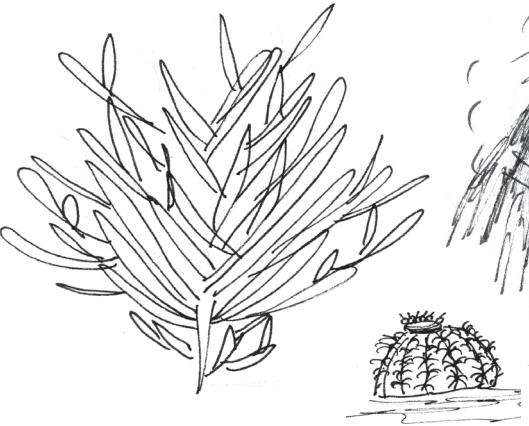
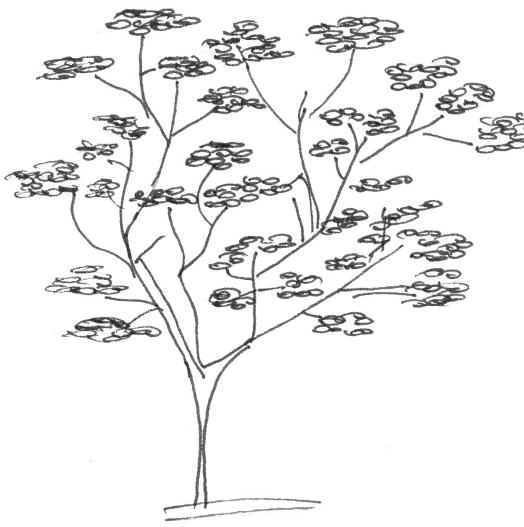
O Potengi

Embarcações cochilam à tarde o reflexo na água, e os pescadores movimentam a cena. Recolhem a corda, ajustam as boias, praticam reparos. O rio o voo do pássaro corta. Uma catraia. O remador desliza na superfície que um grupo de pescadores agita ao revolver a rede. Um veleiro sopra a caminho do mar, e a gente passa na calçada — é a margem. O rio é um caminho.

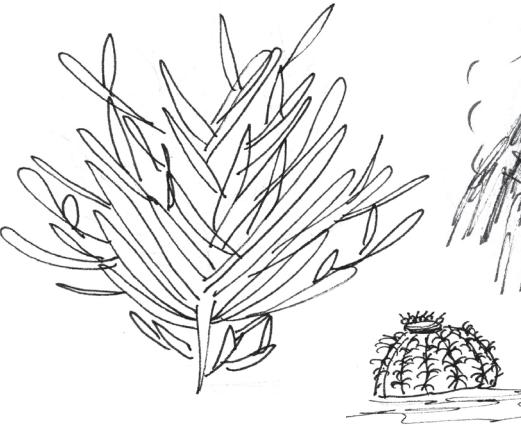
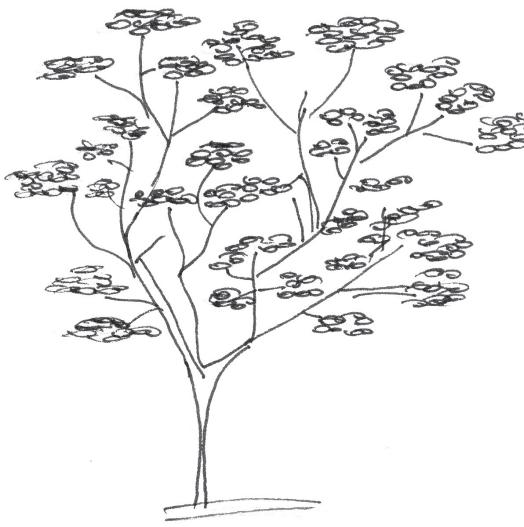


O Farol de Mãe Luiza

Cilíndrica torre de tijolos no alto das dunas. Farol todo pintado de branco. 37 metros para uma vista panorâmica da orla e de todo o Oceano Atlântico. 15 degraus em espiral. Lanterna no alto, fonte de luz que se projeta a 39 milhas náuticas a orientar e salvar navios nas noites escuras.







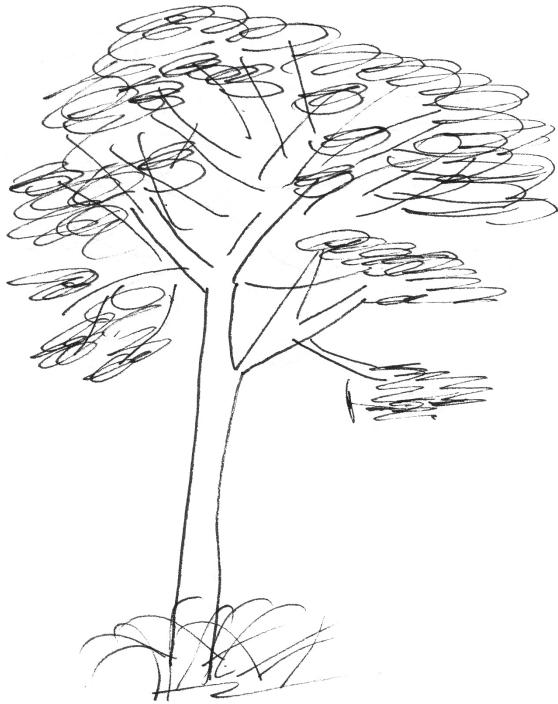
O Parque das Dunas

Jardim de dunas diante do mar, e, mais adentro, a mata se forma em pequenos adensamentos. É o tabuleiro litorâneo que antecipa a mata densa, fechada, Atlântica. Mata das árvores altaneiras, as copas amplas fechando o céu. Mata que é resultado do seu próprio desenvolvimento e transformação no cada dia. Folhas, flores, frutos e as sementes, que a tudo renovam. Nada foge à visão do paraíso. Que se conheça a mata, que se respeite a mata, que se conserve a mata e se preserve a reserva da cidade que vive nas dunas.



ERVA DE
PASSARINHO.

Da classe parasita, hospeda-se nas árvores para sobreviver, suga-lhes a seiva e deixa a hospedeira sem brilho, desfolhada e seca. Por isso, é tida por praga. Erva-de-passarinho porque são eles que espalham as sementes dela por aí.



JATOBÁ

Jatobá é “pó de mico” em tupi. Em razão do pó que há no fruto e os micos adoram. Também quer dizer “árvore de fruto mole”. Atinge a altura média de 30 metros, podendo, em algumas regiões, ultrapassá-la. Usam-no para tudo. Usam a madeira; usam a casca para chá, que chamam “vinho de jatobá”; usam a semente para artesanato; e usam o fruto, de cuja polpa fazem uma farinha com a qual fazem de um tudo.



MANGABEIRA

Mangabeira quer dizer “coisa boa de comer”. Produz, aos tantos, mangaba, seu fruto doce e delicioso. Já passou a ser cultivada em cativeiro de forma rentável. Árvore de médio porte, as pequenas com 2 metros e as maiores com 10 ou 15. Dela, não se usa só o fruto. A casca e o látex que produz são bastante requisitados, e até da folha se faz chá.

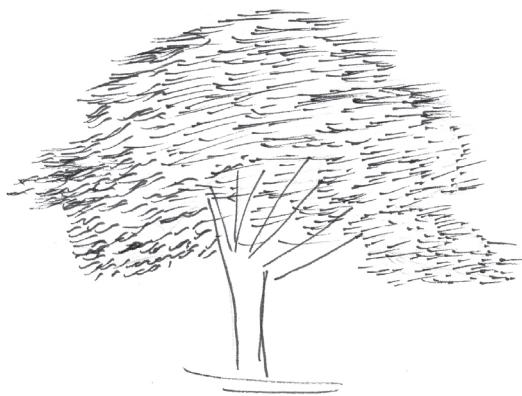


Também conhecida por cabeça-de-frade. Tem espinhos marrons (e muitos!), curtos e incisivos. Quando atinge a maturidade, forma a tal cabeça, a dita coroa, também com espinhos e da cor vermelha, e, entre eles, nascem as flores rosa e vermelhas. Adora sol e clima quente. Face à degradação ambiental, sua existência está ameaçada, assim como seu habitat.



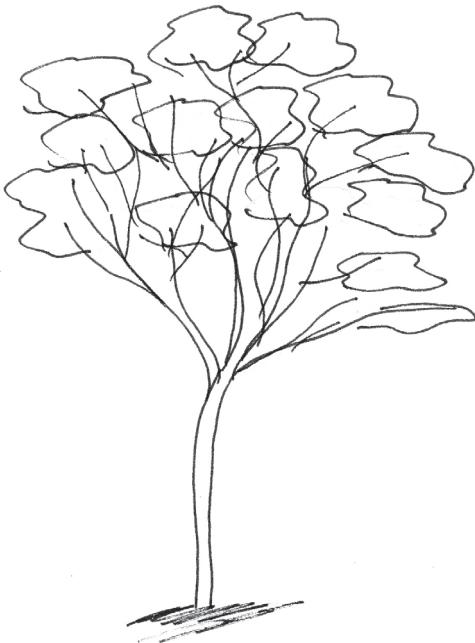
FACETEIRO

Também conhecido por mandacaru-de-facho. Da sua família, no Brasil, há mais de 200 espécies. Chega a 10 metros de altura. Verde-escuro na cor, os espinhos são agudos, e as flores, grandes. O tronco é ereto, os galhos se espalham. Seus frutos, redondos e vermelhos, são refeição dos pássaros, que deixam as sementes por aí. É xerófita. Quando a seca pega, o sertanejo usa de comida para os bichos.



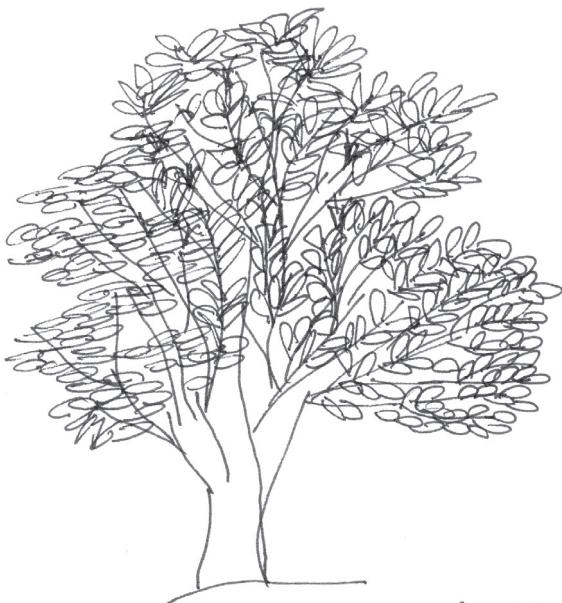
JUÁZENO

Árvore tipicamente da caatinga. Do tupi “juá”, que significa “fruto carnoso”. O porte é médio, e o tronco pode crescer reto ou torto. As flores, pequenas. Suas folhas, também pequenas, e o extrato (chamado juá) é usado para quase tudo. Estudos alardeiam os benefícios da casca para além do que já se aproveita das folhas e do fruto.



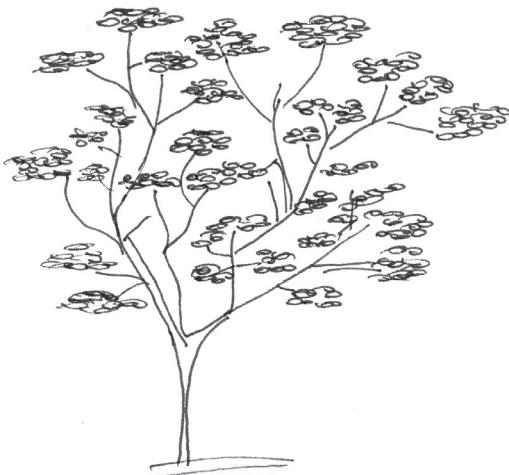
PAU FERRO

Conta a lenda que o nome saiu da faísca do metal sob o tronco, quando o homem partia para cortá-lo. A madeira é excelente e muito útil, por ser durável e resistente. Quando é época da floração, se enfeita de flores amarelas duas vezes ao ano. Já se mediu pau-ferro de 30 metros. Faz copa vistosa para abrigar as flores que o ornam.



CRAVÃO DE GALO

Conhecido por babosa-branca, grão-de-porco, jangada-do-campo, baba-de-boi — são muitos os nomes que ganhou. Gosta de estar debaixo de sol ou a meia-sombra. Cresce de 7 a 10 metros de altura, seu tronco toma um diâmetro de 6. Sua folhagem é de um verde-escuro, e as flores são brancas. Os frutos são de predileção dos pássaros, verdadeiros agentes semeadores das florestas.



SUGUPITA

Seu nome vem de sapó (raiz) e pi/pira (que significa “crua”). Cresce até 16 metros; mas também costuma ficar pequena. A copa não é arbustiva, mas quando florida povoia a paisagem de um violáceo bonito. As flores nascem roxas e em cacho. O tronco apresenta uma casca amarelada, e a madeira é nobre e largamente utilizada. Da casca e da semente extraem um óleo com propriedades terapêuticas.



MAÇÃ DURA

Sua madeira é forte e resistente. A média de altura é de 20, 30, 40 metros. As raízes são grossas, a copa, frondosa. É árvore imponente. Folhas longas, flores brancas. Tem costume de ficar despelada durante um dado período de tempo, e isso é todos os anos. Gosta de sol e vive muito bem em lugares áridos. Os frutos são apreciáveis, de polpa transparente e doce. A semente é castanha na cor.



GAMELEIRA

Árvores de grande copa, grande caule. A ação dos ventos, ao alisar seus galhos e folhas insistente mente, acaba dobrando a copa a seu favor.

Dezembro em Natal

Soam os primeiros acordes. A orquestra começa. Infinitas lâmpadas formam a árvore de Mirassol. Tudo é cenário. As pessoas são ruídos. Conversam, vão, vêm. Sobe a fumaça do churrasquinho embaçando a vista e, imediatamente, tudo se dissipa. A barraca do crepe, o algodão-doce, a pizza em fatia, a felicidade da menina de tranças. Tudo está ali.

As pessoas fotografam, as pessoas filmam. Não há neve, boneco de neve, nem patins no gelo. Quem liga? O Papai Noel sorri e acena. Sadio, pançudo, corado, feliz na sua barba escovada e roupa de época. Tudo é parte do espetáculo.

A menina olha para cima, as luzes da árvore se perdem no infinito. O trenzinho passa. É a felicidade geral. Todos os dias da semana são a sensação das festas de dezembro. É verão. A cidade respira o tempo das festas. Final de ano, dezembro, Natal.

Natal são as luzes. Canteiros centrais pela cidade acendem algumas formas, animais, trenó. Tudo fica mais quente, mais colorido, o comércio vira um zunzum. O trânsito se intensifica. As buzinas e os carros vagueiam. Salta um ônibus da parada. Vendedores ambulantes, água, pipoca, chiclete. As motos voam. São as entregas.

O sinal fechado vira espetáculo. A faixa de pedestres é o palco. O rapaz engole fogo para o encanto da menina, que

não pisca. Ela é o espanto. Sobem as labaredas. Ele engole, ele cospe o fogo. O fogo. Guitarra, bateria, vocal. A calçada é palco, e o chapéu recebe cédulas e moedas. À entrada do shopping, a circulação é intensa. A porta automática abre e fecha, abre e fecha, abre e fecha. Um frenesi. O calor aplaca. É que as noites são mais amenas.

A lua, quando aparece, é sobre as dunas, clareando a mata, entre a fumaça dos carros e a indiferença de quem passa. A sirene da ambulância corta passagem. O rádio anuncia o último sucesso das paradas, as últimas notícias, o preço da gasolina, a situação política do país, a expectativa de vendas para o comércio. A mulher acena na faixa de pedestres, vai atravessar com a criança.

As turmas confraternizam. O champanhe, o estouro, o brinde. O ano já vai virar. É preciso sempre renovar, celebrar, mudar os ares. Retrospectiva. No ano que vem, se poupará mais, se perdoará mais, a dieta finalmente será feita, e a caminhada, retomada.

Andaimes, concreto, tijolos. Os trabalhadores deixam os edifícios em construção. A cidade é uma obra permanente, não para nunca de subir. Na calçada, o jambeiro já floresceu. Ao redor, um tapete uniforme se forma. São as flores que caem. As pessoas estão aqui e estão ali, estão em todo lugar. Nas palmas das mãos, as telas brilham incontáveis mensagens.

A festa continua. O espetáculo não para, para sempre continuar. Ecoam os aplausos. A orquestra já vai encerrar, depois virá um show — as atrações foram previamente anunciadas. Mas espere. Haverá bis. O maestro ergue novamente os braços e a orquestra recomeça. É dezembro em Natal.



Gustavo Sobral é jornalista e escritor. Tudo que escreveu, escreve e publica está no site pessoal gustavosobral.com.br

ISBN 978-65-9913366-8-3



9 786599 138683



Sertão 
MARKETING & MÍDIA